



CAPA 2

BILO, MUITO PRAZER

Após deixar o comando do Pão de Açúcar, Abilio Diniz está onde mais gosta: recomeçando. Ele recebeu ALFA em sua casa para explicar por que a vida começa aos 75 (e por que seus 16 netos não podem chamá-lo de vovô)

POR CAROLINA TARRÍO E VICENTE VILARDAGA
FOTOS MAURÍCIO NAHAS





Abílio no jardim
de sua casa:
"Levo uma vida
maravilhosa"



CAPA 2

Jogos de tabuleiro geralmente consistem em traçar uma estratégia e confiar na sorte para avançar casas até vencer. O empresário Abílio Diniz parece ter o dom de inverter essa lógica. Não foram poucos os momentos em que, ao longo da vida, ele voltou várias casas e, saindo de uma posição de clara desvantagem, lançou mão de sua inabalável determinação para chegar lá. Abílio aprecia recomeçar. Enquanto boa parte dos amigos de sua idade (75 anos) planeja ou curte a aposentadoria e os netos, ele continua mais do que na ativa, tem uma vida social de quarentão (foi visto no show de tributo ao Legião Urbana) e vive as preocupações de ser pai de duas crianças pequenas: Rafaela, 5 anos, e Miguel, 2, de seu casamento com Geysa Marchesi, 35 anos mais nova.

Seu mais recente recomeço ainda está em gestação: ele decidiu deixar o Grupo Pão de Açúcar, empresa que seu pai criou em 1948 e na qual trabalhou a vida inteira. Abílio, o segundo maior acionista da companhia, entregou o controle ao grupo francês Casino no dia 22 de junho, após um ano de divergências e embates com os ex-sócios. Ele tem direito a permanecer como presidente do conselho de administração, mas não vê sentido em exercer esse papel, uma vez que seus poderes de veto são limitados e sua visão do negócio diverge do sócio majoritário. Agora, negocia com Jean-Charles Naouri, diretor-presidente do Casino, os termos de sua saída.

Sua expectativa é de que um acordo aconteça rápido. "Eu não gosto de discutir. Odeio discussão. Sempre digo que sou um carro de seis marchas, mas só uso a primeira e a sexta: ou estou sereno, tranquilo, ou estou no pau. Gosto das coisas claras, de saber até onde posso ir", disse ele para ALFA em sua casa, num bairro nobre de São Paulo. Os valores ou empresas envolvidos nessa negociação ainda serão definidos* (veja quadro na pág. 95) e devem somar-se à fortuna pessoal de 3,6 bilhões de dólares do empresário, que ocupa o 11º lugar no ranking de bilionários do Brasil, segundo a revista Forbes. Com certeza, serão cifras altas. O Grupo Pão de Açúcar é a maior empresa de distribuição da América Latina, com vendas brutas de 52,7 bilhões de reais em 2011. E, desde a abertura de capital, feita em 1995, até hoje, o valor de mercado da companhia se multiplicou 30 vezes.

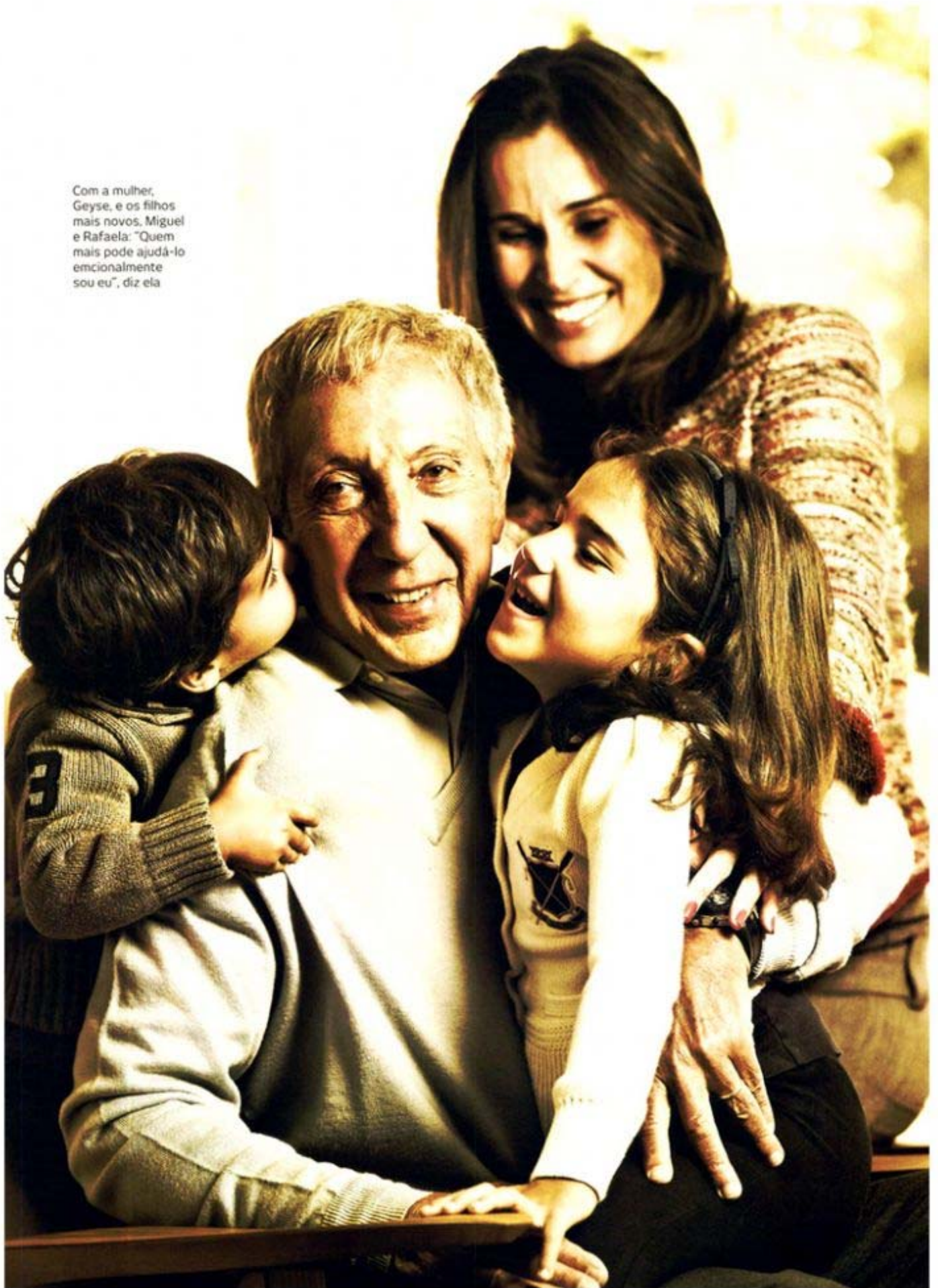
Segundo uma pessoa próxima, Abílio usa uma metáfora para definir sua situação: imagine um casal que estabeleceu, no contrato pré-nupcial, que somente se separaria após dois anos de convivência, no mínimo. Após a primeira semana, porém, o homem se sentiu traído e a mulher não aguenta mais ficar com ele. O que vão fazer? Esperar os dois anos brigando ou chegar a um acordo? Se em seu "casamento empresarial" as coisas azedaram, a relação de fato parece servir de esteio e amparo para momentos difíceis. Abílio reorganizou sua agenda para passar mais tempo com a família e tem obtido genuíno prazer nesse convívio. "Quem mais pode ajudar o Abílio na parte emocional sou eu", afirma sua mulher, Geysa. "Se ele acorda com o olho esquisito, lhe digo que a gente tem as escolhas nas nossas mãos e cabe a cada um decidir se quer ter um dia bom ou ruim."

Abílio soma seis filhos (quatro do primeiro casamento, já adultos) e 16 netos, mas se há algo que desaja é que ninguém o chame de vovô. "Todos os meus netos me tratam por Bilo", conta orgulhoso. "Isso porque você os doutrinou", dispara Geysa, que parece divertir-se com as excentricidades da família, como seu filho Miguel, aos 2 anos, ser tio de netas de Abílio que já somam 27 anos. O empresário assume ser um pai mais próximo e dedicado hoje. "Quando meus filhos adultos eram pequenos, não era extraordinário ser pai. Todos na minha geração tiveram filhos. Naquele tempo, o esporte mexia muito mais comigo. Hoje, aos 75 anos, o fantástico é ser pai", diz. Pedro Paulo, rebento da primeira leva, por vezes reclama da atenção dispensada aos mais novos. Abílio tem a resposta na ponta da língua: "É verdade, dou mais atenção a eles porque provavelmente não estarei aqui quando tiverem a idade do Pedro Paulo (42 anos)".

Vaidoso e inquieto, Abílio aparenta hoje menos idade e tem um semblante mais ameno do que em fotos dos anos 1980/1990 – momento em que, também voltando várias casas, afastou sua família do comando do Pão de Açúcar e assumiu o controle dos negócios para tirar a empresa do atoleiro. "Não posso ir buscar minha filha na escola e os amiguinhos falarem: 'aquele velhinho lá é o pai da Rafa'. Tenho de dar um jeito nisso!", diz em tom de brincadeira. Mas é sério. Abílio trabalha – e faz outros trabalharem – em prol de sua longevidade. Irineu Lotur-



Com a mulher, Geysse, e os filhos mais novos, Miguel e Rafaela: "Quem mais pode ajudá-lo emocionalmente sou eu", diz ela



CAPA 2

**“SOU UM CARRO
DE SEIS MARCHAS,
MAS SÓ USO A
PRIMEIRA E A
SEXTA: OU ESTOU
SERENO OU
ESTOU NO PAU”**



co Filho, preparador físico, é um dos que se aplicam nessa missão. Responsável pelo Centro de Alto Rendimento do Grupo Pão de Açúcar, ele pesquisa experiências bem sucedidas pelo mundo. Dos estudos de Irineu e também da nutricionista Adriana Garofolo, que o acompanha, resultaram alterações recentes na alimentação e na rotina de exercícios do empresário. Ele diminuiu a intensidade de seus treinos e vem substituindo carboidratos por mais frutas, verduras e farinhas integrais. "Você precisa entender qual é seu objetivo com o esporte. Correr uma maratona? Ter alta performance? Hoje o que quero não é mais competir. Pratico de modo lúdico. Corro, faço musculação, alongamento e jogo meu squash para ganhar agilidade e reflexos", conta.

Mas você consegue não competir?, pergunto. Abílio titubcia antes de responder: "Ahh, consigo. Quando a pessoa fica mais calma na vida, mais serena, coloca a competição em determinadas coisas. Nos negócios, eu ainda compito. Ainda pretendo competir", assume. "No esporte, não. Até porque nunca tive espírito olímpico, esse negócio de que o importante é competir. Eu precisava ganhar de qualquer jeito!"

Nesse momento, sua filha Rafaela entra na sala e Abílio interrompe a entrevista para contar que a pequena acordou mal-humorada. "Dá um beijo no papito?", pede. Depois de ganhar um selinho, se declara: "Obrigado. Eu te amo, viu?" A imagem do Abílio caseiro, afetuoso contrasta com a do empreendedor agressivo. Vestido com camisa azul-claro, suéter de malha fina, jeans e tênis, ele tem um semblante relaxado. "Preciso esclarecer uma coisa: as pessoas pensam que eu sou um sacrificado porque levanto às 6h da manhã para fazer atividade física. Não é nada disso. Eu odeio sacrifício", afirma. "Treino na minha academia, fazendo minhas preces, vendo o sol nascer, isso me dá um relaxamento muito grande. No dia em que essa rotina não me servir mais, eu mudo. Levo uma vida maravilhosa, vocês veem minha esposa, minha casa, minha filhinha", diz.

Sua casa, um casarão de dois andares, tem muros altos e vários seguranças plantados em frente ao portão. Na parte de dentro, porém, esse ar de fortaleza se perde e os convidados são recebidos, em frente à ampla porta, por um quadro com motivos infantis de Nina Pandol-

2 BILHÕES A MAIS NO BOLSO

Com quanto dinheiro Abílio deixará a empresa e algumas sugestões do que ele pode fazer com tudo isso



O acordo de acionistas assinado há seis anos entre Abílio Diniz e Jean-Charles Naouri, presidente do grupo francês Casino, previa a transferência de comando e a reorganização do controle do Grupo Pão de Açúcar.

A primeira parte desse acordo foi cumprida no dia 22 de junho, quando Abílio deixou a presidência do conselho da Whilkes, holding que controla o Pão de Açúcar, cargo que passou a ser ocupado por Naouri.

Agora, Abílio tem a opção de vender dois lotes de ações, o primeiro cotado em 10,5 milhões de dólares, até 21 de agosto de 2012. O outro, com 19.375.000 ações, seria negociado a partir de 22 de junho de 2014, num prazo de até oito anos. Analistas calculam que ele colocará as mãos em, pelo menos, 2 bilhões de reais. Abílio vem tentando adiantar a negociação, fechar logo o valor e deixar a companhia.

Abaixo, ALFA sugere alternativas para ele aplicar essa grana:

- Fazer uma proposta ao governo do Rio de Janeiro para comprar o Pão de Açúcar. O morro, quer dizer
- Doar sua fortuna a Bill Gates para que ele acabe de vez com a fome na África
- Investir tudo na fazenda de seu filho, Pedro Paulo Diniz, e virar o maior produtor de orgânicos do mundo
- Comprar uma propriedade na França, vizinha à casa de Naouri, e iniciar ali uma cadeia de boulangeries
- Levar o Messi para o São Paulo Futebol Clube, time do coração de Abílio, e tirá-lo do atoleiro
- Descobrir o elixir da vida eterna
- Abrir uma pousada

CAPA 2

fo. Do lado de dentro, há um Di Cavalcanti. As obras de arte são paixão de Geysel, e Abilio costuma ir a exposições e feiras acompanhando-a. “O Abilio é muito jovem. Ele não fez parte da minha geração, mas topa as coisas. Se algo é importante para mim, então ele está junto. Arte é uma coisa que adoro e acho que consegui catequizá-lo”, afirma. Se as salas sobriamente decoradas, voltadas para o jardim onde uma piscina divide o espaço gramado com a capela na qual Abilio e Geysel se casaram, em 2004, são o ambiente dela, a academia – e principalmente a sala de TV – constituem o “habitat natural” de Abilio. Ali, uma grande TV de tela plana está ladeada por seis outras menores nas quais ele, fanático por futebol, assiste aos gols da rodada. Funciona assim: Abilio sintoniza o jogo principal na telona e, quando algum lance importante de outra partida é anunciado, aciona uma das TVs menores para sintonizá-lo. “Sempre pego o *replay*”, conta, orgulhoso com a rapidez de seus reflexos no controle remoto e satisfeito com o esquema.

“Como digo aos meus alunos da Fundação Getúlio Vargas e ao pessoal no Pão, é importante tirar prazer das pequenas coisas da vida”, emenda ele, usando um tom professoral que frequentemente toma conta de seu discurso. Volta e meia, Abilio deixa de ser apenas Abilio para transformar-se no porta-voz de “regras de ouro”. “O Abilio tem essa coisa forte da disciplina. Ele fala e às vezes parece retórica, mas ele faz o que fala”, assegura Geysel. Pois uma de suas máximas é ter clareza sobre o que é importante e sobre aquilo que o faz feliz. “Sou um cara que curte uma boa cama, um bom lençol, um travesseiro macio. Adoro o contato da roupa com o corpo. A sensação de estar frio e você ter um agasalho é sensacional”, diz Abilio, que do contato com o próprio corpo retira seus drops de felicidade diários. Outros prazeres vêm de escrever livros (ele prepara o seu segundo) e de dar aulas de administração. Já a saúde é seu bem maior.

“Abilio é super-romântico, carinhoso, sereno. A gente não briga nunca”, diz Geysel. “No sexo, ele parece um menino. O Abilio tem pique. Não é só sarado, é também saudável e seu corpo funciona. Tem cabeça boa e um corpo ótimo”, elogia a mulher. Para se conhecer melhor e fortalecer a vida de casal, o empresário não se furta a fazer terapia. Geysel também é adepta (ambos fazem

terapia junguiana). Por um momento, dá a impressão de que essa faceta íntima domina sua existência, sobrepõe-se ao lado dos negócios e o completa. Mas isso seria radical demais. “Não sou radical, sempre digo: ‘a virtude está no meio’. A vida é um conjunto, não vou deixar meus negócios, minha vida empresarial para trás.”

Nessa nova fase, não se espere de Abilio uma dedicação excessiva a causas sociais e humanitárias, numa mudança total de rumo ao estilo de Bill Gates, embora a atuação de sua Fundação Península, com investimentos direcionados para a área de educação, deva ser incrementada. Também é impensável imaginá-lo deixando sua rotina de executivo para transformar algum hobby em sua principal atividade, como fez José Mindlin quando vendeu sua Metal Leve e se entregou à paixão pelos livros. Abilio poderia fazer isso com o esporte, mas não será o caso. O mais provável é que tenha um futuro parecido com o de outro grande empresário brasileiro: Abraham Kasinsky. Com mais de 70 anos, depois de vender sua empresa de autopeças, a Cofap, ele investiu em uma fábrica de motos que foi muito além de uma brincadeira de velhinho e se consolidou no mercado até ser vendida para os chineses da CR Zongshen, em 2009.

“Quando você trabalhou, tem um patrimônio, um conhecimento. Eu poderia ir para o mercado financeiro e até ganhar mais dinheiro. Mas o que eu faço com o meu conhecimento? Com meu patrimônio interno, com o que eu adquiri durante esses anos? Isso é o que eu faço, eu vibro com isso. Por que mudar de vida quando você está mais maduro, quando é o momento de usufruir?”, pergunta. E como ficará o Pão de Açúcar, o negócio ao qual dedicou sua vida? Abilio parece convicto de que, mesmo com sua saída, a companhia que criou à sua imagem e semelhança continuará bem. “Ninguém é insubstituível”, diz. “Quem substituiu o Beethoven? Depois dele apareceram outros, que fizeram outras músicas e foram importantes. Há várias pessoas que poderiam me substituir. Claro que não vão fazer igual a mim, farão do seu jeito. Vai ser igual? Não, não houve outro Beethoven”, diz. “Eu tenho o mundo mapeado. Em meu negócio, não vou dizer que conheço tudo, mas existe muito pouca coisa que não conheço”, afirma. Abilio vai continuar sendo Abilio. Agora, mais do que nunca. **A**

“NINGUÉM É
INSUBSTITUÍVEL.
QUEM SUBSTITUIU
O BEETHOVEN?
DEPOIS DELE,
SURCIRAM OUTROS”

